

DIVERSIDADE E INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO MÉDICA: ESTRATÉGIAS PARA A PRÁTICA CLÍNICA EFICIENTE NO PRÓXIMO DECÊNIO

Ana Paula Borges de Souza ¹
Fernando Basílio dos Santos ²
Gilson Borges de Souza ³
Lidiane Silva Torres ⁴
Eliana Crispin França Luquetti ⁵

RESUMO

A crescente diversidade da população e a necessidade de uma formação médica mais inclusiva têm ganhado cada vez mais destaque nos últimos anos. Isso revela a necessidade do reconhecimento e da formulação de estratégias que visem garantir a formação de profissionais da saúde de forma mais abrangente. Com o objetivo de contribuir para a formação de profissionais mais competentes e equitativos, buscamos avaliar a criação e implementação de estratégias voltadas para a promoção da diversidade e inclusão no currículo médico, com vista a aprimorar as habilidades dos futuros profissionais de saúde para um atendimento mais inclusivo e respeitoso. Realizamos uma revisão sistemática da literatura nas bases de dados PubMed, Scopus e Web of Science com a seleção de estudos em um recorte temporal dos últimos quatro anos (2020 a 2024) com a utilização de palavras-chave específicas e a seleção criteriosa de estudos com o uso de ferramentas de categorização e análise de dados. Com base nos estudos selecionados, foi possível constatar que, embora tenha havido progressos significativos em algumas áreas da formação médica, ainda existem deficiências significativas em outros aspectos da inclusão e diversidade na formação médica. A literatura destaca que muitas instituições ainda buscam integrar conceitos de diversidade em seus currículos e práticas pedagógicas. Por outro lado, exemplos de sucesso destacam programas que incorporaram treinamentos específicos em competência cultural, recrutamento ativo de estudantes e políticas de suporte que facilitam a inclusão de diversas perspectivas e experiências, contribuindo de forma direta para a formação de profissionais da saúde mais capacitados e que oferecem uma atenção efetiva e personalizada a seus pacientes. Esses casos de sucesso servem como modelo para instituições de ensino que buscam melhorar continuamente a formação de seus profissionais, tornando o cenário da saúde um campo atualizado e eficiente.

Palavras-chave: Formação profissional, Currículo médico, Diversidade populacional, Saúde, Inclusão.

¹ Doutoranda do Curso de Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF, anapaulaborgesalternativo@gmail.com;

² Mestrando do Curso de Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF, fernandobasilioalternativo@gmail.com;

³ Graduação em Medicina pela Universidade Iguazu - UNIG/Campus V, gilsonborgesdesouza123@gmail.com;

⁴ Doutoranda do Curso de Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF, lidiholly@hotmail.com;

⁵ Doutora em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF, elinaff@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A diversidade e a inclusão são temas emergentes e fundamentais para as discussões sobre a evolução da educação médica, principalmente em uma sociedade em que a globalização e as migrações aumentam o contato entre diferentes culturas, crenças e conceitos socioeconômicos diversos (Santos et al., 2020). A formação médica tradicional, que é amplamente baseada em padrões de ensino, tem sofrido questionamentos frequentes por suas limitações em preparar profissionais para comunicação de forma empática e competente com uma população cada vez mais diversificada (Rios; Caputo, 2019). Santos (2018) argumenta que atualmente a competência cultural é considerada um aspecto necessário e essencial para garantir uma prática clínica eficaz, respeitando as especialidades e individualidades dos pacientes no atendimento às suas necessidades de saúde de forma igualitária.

A inclusão de diversidade no ensino médico busca formar profissionais capazes de oferecer cuidados mais humanos, com respostas a uma demanda social por igualdade no atendimento de saúde. Estudos como os de Nascimento et al. (2018) e Rodrigues, Coelho e Pires (2020) destacam que médicos e demais profissionais da saúde formados em um cenário de inclusão apresentam melhores índices de empatia e sensibilidade cultural, além de habilidades fundamentais para o estabelecimento de uma relação terapêutica de qualidade. Essas competências são especialmente relevantes quando se considera que preconceitos e estigmas podem impactar diretamente no diagnóstico, no prognóstico e na adesão ao tratamento, gerando desigualdades nos resultados de saúde (Nascimento et al., 2018).

Com base nisso, adotamos como objetivo principal do presente estudo, contribuir para a formação de profissionais mais competentes e equitativos, buscamos avaliar a criação e implementação de estratégias voltadas para a promoção da diversidade e inclusão no currículo médico, com vista a aprimorar as habilidades dos futuros profissionais de saúde para um atendimento mais inclusivo e respeitoso. Realizamos uma revisão sistemática da literatura, com a seleção de estudos publicados entre os anos de 2020 e 2024 em bases de dados de alto impacto como PubMed, Scopus e Web of Science. A análise dos estudos permitiu compreender as principais limitações e avanços na formação médica para a melhoria da diversidade e inclusão médica.

A análise dos estudos contribuiu para a identificação de modelos eficazes aplicados por instituições pedagógicas inclusivas, como treinamentos em competência cultural, recrutamento ativo de estudantes de diferentes origens e políticas de suporte para alunos em situação de vulnerabilidade. Essas ações auxiliam a formação de profissionais mais capacitados para atuar em um ambiente de saúde cada vez mais complexo, promovendo um atendimento mais igualitário e eficiente. Assim, os casos analisados destacam que essas práticas beneficiam futuros médicos, e contribuem para a criação de uma cultura institucional que valoriza e promove a equidade e o respeito.

De acordo com Lemos (2018), a inclusão da diversidade cultural, por meio de disciplinas e treinamentos específicos no currículo médico, é um dos principais pilares para a criação de competências que vão além do conhecimento técnico, incluindo habilidades sociais e emocionais que são indispensáveis para o estabelecimento de uma relação médico-paciente de confiança. Alves (2018) e Oliveira, Austrilino e Souza (2021) enfatizam que a competência cultural, juntamente com políticas de inclusão, contribui significativamente para a redução de preconceitos e estigmas dentro do ambiente clínico, favorecendo um atendimento de saúde mais igualitário e justo. Por outro lado, a ausência de políticas inclusivas pode reforçar preconceitos, criando barreiras que afetam negativamente a experiência de cuidado e os resultados de saúde dos pacientes.

Dessa forma, a pesquisa destaca a importância de estratégias pedagógicas que promovam a diversidade e a inclusão no ensino médico, colaborando para a formação de profissionais mais competentes e acolhedores. Com base nos principais resultados dos estudos, conclui-se que o desenvolvimento de um currículo inclusivo prepara os futuros profissionais para atuarem em uma sociedade cada vez mais diversa e exigente, além de fortalecer o compromisso da medicina com a justiça social e a igualdade em saúde.

METODOLOGIA

Realizamos uma revisão sistemática, com o intuito de identificar, analisar e sintetizar a literatura científica existente sobre diversidade e inclusão na educação médica. Isso se deu pela necessidade de identificar as principais práticas pedagógicas e as estratégias de sucesso implementadas no Brasil e no mundo, fornecendo uma visão mais ampla e fundamentada sobre o tema. A revisão sistemática seguiu o protocolo recomendados por especialistas em pesquisa, como PRISMA (Preferred Reporting Items

for Systematic Reviews and Meta-Analyses), que garante a transparência e a confiabilidade na seleção e análise dos estudos (Moher et al., 2010).

Para a realização da pesquisa, selecionamos estudos com o uso de palavras-chaves relacionadas ao tema, como: "Formação Profissional," "Currículo Médico," "Diversidade Populacional," "Saúde," e "Inclusão," juntamente com operadores booleanos ("AND" e "OR"). Os estudos selecionados foram aqueles publicados entre os anos de 2020 e 2024, compreendendo artigos científicos que discutem a diversidade e a inclusão na educação médica, publicados em revistas científicas revisadas por pares. Os estudos enquadrados nos critérios passaram por uma triagem inicial por meio da leitura dos títulos e resumos, seguida de uma leitura completa dos textos.

Para a análise dos dados, utilizou-se uma abordagem qualitativa, com o auxílio de ferramentas de categorização e análise temática. Os artigos foram organizados em uma planilha para auxiliar a sistematização e categorização das informações, divididas em categorias como: estratégias de inclusão no currículo, treinamento em competência cultural, políticas de suporte para estudantes e impacto dessas estratégias na prática clínica. A análise temática foi inspirada na técnica de Bardin (2011), que permite identificar padrões e temas emergentes dentro do conjunto de dados, favorecendo uma compreensão mais profunda dos fatores que influenciam a implementação e eficácia das estratégias inclusivas (Sampaio et al., 2022).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados indicaram que a diversidade e a inclusão têm ganhado espaço no currículo médico em diversas instituições, mas ainda enfrentam desafios significativos (Neves, 2018). Muitas instituições de medicina começaram a incorporar temas de diversidade racial, de gênero, orientação sexual e questões socioeconômicas em seus currículos, respondendo ao reconhecimento crescente de que a formação médica deve refletir a complexidade e a heterogeneidade da população que os futuros profissionais atenderão (Custódio; Vieira; Francischetti, 2021). No entanto, embora algumas dessas iniciativas sejam obrigatórias, muitas ainda são limitadas a disciplinas optativas ou a módulos específicos, restringindo seu impacto ao não permearem toda a estrutura curricular (Santos, 2020; Neves, 2018). A literatura revela que currículos médicos com uma abordagem mais abrangente e obrigatória da diversidade contribuem para a formação de profissionais mais preparados para responder a diferentes necessidades de saúde,

umentando sua sensibilidade em relação às questões sociais e culturais dos pacientes (Minetto, 2021).

O treinamento em competência cultural e empática destaca-se como uma área crucial e, ao mesmo tempo, desafiadora dentro do ensino médico. Estudos mostram que esses treinamentos, que incluem simulações de atendimento e oficinas interativas, oferecem benefícios claros para o desenvolvimento de habilidades interpessoais dos estudantes (Custódio; Vieira; Francischetti, 2021). Instituições que integram tais treinamentos em seu currículo relatam que os alunos demonstram uma capacidade aprimorada de construir relações de confiança com pacientes de diversas origens e, conseqüentemente, de fornecer um atendimento mais respeitoso e eficiente (Freitas et al., 2021).

A competência cultural e a empatia são habilidades essenciais na prática clínica, especialmente em contextos onde a sensibilidade às diferenças culturais pode impactar diretamente o diagnóstico e o tratamento (Gouveia; Silva; Pessoa, 2019). No entanto, um dos desafios apontados na literatura é que esses treinamentos ainda são oferecidos de forma esporádica em muitas instituições, o que limita seu efeito a longo prazo. Müller, Lima e Ortega (2023) sugerem que, para maximizar o impacto da competência cultural, é fundamental que esses treinamentos sejam oferecidos continuamente e de forma integrada ao longo de toda a formação médica.

As políticas institucionais de recrutamento e suporte ao estudante emergem como um aspecto fundamental para a promoção de um ambiente inclusivo e acessível nas faculdades de medicina. Instituições que adotam políticas de recrutamento ativo para aumentar a diversidade do corpo discente, incluindo estudantes de minorias raciais, étnicas e socioeconômicas, demonstram um ambiente mais inclusivo e equitativo. Essas políticas são essenciais para a construção de uma comunidade acadêmica representativa e para o fortalecimento da inclusão (Souza; Zuniga, 2022)

Além disso, programas de suporte, como mentorias, aconselhamento psicológico e bolsas de estudo, têm um papel crítico na retenção e no sucesso acadêmico de estudantes em situação de vulnerabilidade (Couto et al., 2021; Souza; Zuniga, 2022). Esses programas ajudam a mitigar as barreiras sociais e econômicas enfrentadas por esses alunos e promovem uma cultura institucional que valoriza a diversidade e o apoio mútuo (Couto et al., 2021).

Diante desses resultados, observa-se que, embora tenha havido progressos, a inclusão e a diversidade na formação médica ainda necessitam de avanços estruturais para

que sejam completamente integradas ao currículo (Lima; Ortega, 2023). Instituições que implementam treinamentos obrigatórios em competência cultural e empatia, bem como políticas de suporte ao estudante de forma contínua e abrangente, demonstram resultados mais positivos, preparando médicos para atuar de forma mais sensível e competente em um cenário cada vez mais diversos e complexo (Custódio; Vieira; Francischetti, 2021). Como apontado por Santos et al. (2020), uma formação médica que integra a diversidade como um valor central não só promove o desenvolvimento de habilidades essenciais para a prática clínica moderna, como também contribui para a justiça social e para a equidade no atendimento à saúde.

A análise da literatura e dos estudos empíricos revisados evidência que a inclusão e a diversidade devem ser compreendidas como pilares estruturais e permanentes da educação médica (Nascimento et al., 2018; Lemos, 2018). Profissionais que passam por uma formação atenta às questões de diversidade não apenas desenvolvem melhores habilidades interpessoais, mas também estão mais aptos a fornecer um atendimento centrado nas necessidades específicas dos pacientes, considerando seu contexto cultural, social e econômico (Custódio; Vieira; Francischetti, 2021; Souza; Zuniga, 2022).

Esta revisão sugere que as faculdades de medicina têm um papel crucial na promoção de uma prática clínica mais humana e igualitária, e que a inclusão de temas de diversidade deve ser uma responsabilidade institucional. Para que a formação médica acompanhe as demandas e expectativas sociais, é necessário que políticas de inclusão sejam tratadas como elementos centrais e permanentes, permeando toda a estrutura curricular e se refletindo na prática clínica dos futuros médicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa ressalta a importância de uma formação médica que integre, de maneira contínua e sólida, valores de diversidade e inclusão como componentes centrais do currículo. Observou-se que, embora algumas instituições tenham avançado em direção a currículos mais inclusivos, muitos programas ainda tratam esses temas de forma limitada, o que restringe a preparação de futuros médicos para lidar com uma população diversa. A competência cultural e o suporte institucional a estudantes de origens variadas são essenciais para formar profissionais que atendam com empatia e respeito às especificidades de cada paciente.

Os resultados sugerem que a adoção de treinamentos regulares em competência cultural e políticas de suporte ao estudante impactam positivamente o desenvolvimento acadêmico e pessoal dos futuros profissionais, promovendo uma prática clínica mais humanizada. Para a comunidade científica e as instituições de ensino, esse estudo aponta a necessidade de um compromisso mais amplo com currículos inclusivos que melhor preparem os profissionais para uma prática clínica em um contexto multicultural.

Novas pesquisas são recomendadas para explorar como integrar efetivamente esses temas nos currículos e avaliar o impacto de práticas inclusivas na qualidade do atendimento a longo prazo. Conclui-se que investir em diversidade e inclusão na formação médica é essencial para construir uma prática clínica mais ética, equitativa e representativa da diversidade humana, promovendo assim um sistema de saúde mais acessível e justo.

REFERÊNCIAS

SANTOS, Victor Hugo dos et al. Currículo oculto, educação médica e profissionalismo: uma revisão integrativa. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 24, p. e190572, 2020.

RIOS, David Ramos da Silva; CAPUTO, Maria Constantina. Para além da formação tradicional em saúde: experiência de Educação Popular em Saúde na formação médica. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 43, p. 184-195, 2019.

SANTOS, Wilton Ferreira Silva. Profissionalismo médico-cuidando da formação profissional do estudante de medicina. **Brasília Med**, v. 55, p. 12-21, 2018.

NASCIMENTO, Hugo César Filardi et al. Análise dos níveis de empatia de estudantes de Medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 42, p. 152-160, 2018.

RODRIGUES, Leonardo; COELHO, Letícia; PIRES, França Dourado Neto. Empatia, depressão, ansiedade e estresse em Profissionais de Saúde Brasileiros. **Ciências psicológicas**, v. 14, n. 2, 2020.

LEMOS, Irene Jeanete. Políticas de inclusão e diversidade cultural em contextos de formação. **Revista Eletrônica Pesquiseduca**, v. 10, n. 21, p. 251-258, 2018.

ALVES, Ana Marlusia. Medicina e Libras: os desafios de uma formação humanizada. **Caderno de Graduação-Ciências Humanas e Sociais-UNIT-ALAGOAS**, v. 6, n. 2, p. 23-23, 2020.

OLIVEIRA, Maria Cristina; AUSTRILINO, Lenilda; SOUZA, Jorge Luis. Análise curricular do curso de medicina na perspectiva da saúde da população negra. **New Trends in Qualitative Research**, v. 7, p. 341-349, 2021.

MOHER, David et al. Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: the PRISMA statement. **International journal of surgery**, v. 8, n. 5, p. 336-341, 2010.

SAMPAIO, Rafael Cardoso et al. Muita Bardin, pouca qualidade: uma avaliação sobre as análises de conteúdo qualitativas no Brasil. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 10, n. 25, p. 464-494, 2022.

Bardin L. **L'Analyse de contenu**. Editora: Presses Universitaires de France, 1977.

NEVES, F. H. Saúde, Diversidade e Escola Básica: Um Debate Possível e Desejável. **QUEIROZ, PP Ensino, Saúde e Inclusão. Rio de Janeiro: Autografia**, 2018.

CUSTÓDIO, Lucimara Aparecida Faustino; VIEIRA, Camila Mugnai; FRANCISCHETTI, Ieda. Diversidade no currículo médico: Roteiro de análise da dimensão social para aprendizagem baseada em problemas. **Revista e-Curriculum**, v. 19, n. 3, p. 1106-1130, 2021.

MINETTO, Maria De Fátima. **Currículo na educação inclusiva:: entendendo esse desafio**. Editora Intersaberes, 2021.

FREITAS, Reginaldo Antônio de Oliveira et al. Inclusão do cuidado com a saúde das pessoas com deficiência nos currículos de medicina do Brasil. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 45, p. e156, 2021.

GOUVEIA, Eneline AH; SILVA, Rodrigo de Oliveira; PESSOA, Bruno Henrique Soares. Competência cultural: uma resposta necessária para superar as barreiras de acesso à saúde para populações minorizadas. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 43, n. 1 suppl 1, p. 82-90, 2019.

MÜLLER, Manuela Rodrigues; LIMA, Rossano Cabral; ORTEGA, Francisco. Repensando a competência cultural nas práticas de saúde no Brasil: por um cuidado culturalmente sensível. **Saúde e Sociedade**, v. 32, p. e210731pt, 2023.

SOUZA, João Pedro Nunes de; ZUNIGA, Rubén David dos Reis. Programas de pesquisa para graduandos em Medicina no Brasil: uma revisão sistemática. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 46, n. 3, p. e105, 2022.

COUTO, Dyecika Souza et al. Programa de Mentoria da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Alfenas: relato de experiência. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 45, n. suppl 1, p. e125, 2021.